

# Memória e Holomemória: Hipóteses e Propostas de Correlação

Memory and Holomemory: Hypoteses and Proposals of Correlations

Memoria y Holomemoria: Hipótesis y Propuestas de Correlación

**Munir Bazzi\***

\* Médico. Voluntário da *REAPRENDENTIA* – Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Conscencial.  
munir\_bazzi@yahoo.com.br

Texto recebido para publicação em 23.09.09.

## Palavras-chave

Constituintes da holomemória

Holomemória

Memória

Retrocognição

Tipos de memória

## Keywords

Holomemory

Holomemory constituents

Memory

Retrocognition

Types of memory

## Palabras-clave

Constituyentes de la holomemoria

Holomemoria

Memória

Retrocognición

Tipos de memória

## Resumo:

Este artigo tem por objetivo propor hipóteses referentes aos constituintes da holomemória, tomando por base o estudo da memória cerebral, revisado na primeira parte do trabalho. São traçadas correlações teóricas entre memória e holomemória, a partir das quais se postula a existência da memória holobiográfica, do paraléxico e da memória procedural holossomática na condição de constituintes da holomemória. Com base nesta hipótese de trabalho, é feita a proposta de uma abordagem ao fenômeno da retrocognição, complementar às já existentes, agregando as categorias de retrocognição holobiográfica e retrocognição conceitual. A título de ilustração do poder explicativo da teoria da holomemória, uma seção deste artigo analisa a problemática das interprisões grupocármicas sob o enfoque holomnemônico, apresentando modelos explicativos para a patogênese desta condição nosológica.

## Abstract:

This paper aims to propose hypotheses about holomemory constituents, stemming from studies on the brain memory which are reviewed in the first part of this article. It presents theoretical correlations between memory and holomemory from which the author postulates the existence of the holobiographical memory, the paralexicon and the holosomatic procedural memory as holomemory constituents. Based on this working hypothesis, it is proposed a complementary approach to the phenomenon of retrocognition with the addition of holobiographical retrocognition and conceptual retrocognition. In order to illustrate the explanatory power of holomemory theory, a section in this paper analyses groupkarmic interprison problems within the holomnemonic framework, providing explanatory models for the pathogenesis of such nosological condition.

## Resumen:

Este artículo tiene por objetivo proponer hipótesis referentes a los constituyentes de la holomemoria, tomando como base el estudio de la memoria cerebral, revisado en la primera parte de trabajo. Son trazadas correlaciones teóricas entre memoria y holomemoria, a partir de las cuales se postula la existencia de la memoria holobiográfica, del paraléxico y de la memoria procedural holosomática en la condición de constituyentes de la holomemoria. Con base en esta hipótesis de trabajo, se realiza la propuesta de un abordaje del fenómeno de retrocognición, complementario a las ya existentes, agregando las categorías de retrocognición holobiográfica y retrocognición conceptual. A título de ilustración del poder explicativo de la teoría de la holomemoria, una sección de este artículo analiza la problemática de las interprisiones grupocármicas sobre el enfoque holomnemónico, presentando modelos explicativos para la patogénesis de esta condición nosológica.

## INTRODUÇÃO

Há quase 25 séculos, Platão de Atenas propôs sua teoria das reminiscências, indicando a existência de conhecimentos prévios ao nascimento, a serem lembrados durante a vida, e persistentes após a morte do corpo biológico (PLATÃO, 1999, p. 140-143). Tal proposta foi tida a conta de mito ou alegoria na interpretação de muitos comentadores e estudiosos nos séculos seguintes, sem cogitarem quanto ao arrojo desta teoria (CHAUÍ, 2002, p. 265-268).

No panorama atual das pesquisas mais prioritárias quanto à memória, há evidências claras da existência de memórias extracerebrais, como as fornecidas pelas retrocognições e pelas projeções conscientes com aquisição de informação posteriormente confirmada. Tais evidências são primordialmente autocomprobatórias, mas também estão emergindo das investigações objetivas. Esta última asserção é apoiada, por exemplo, nos estudos com crianças que relatam com precisão detalhes de existências pregressas (STEVENSON, 1977; ROGO, 1987, p. 140-143). Também trazem corroboração às memórias extracerebrais as pesquisas da experiência-da-quase-morte (EQM), nas quais pacientes em parada cardiorespiratória descrevem fatos acurados no momento em que seus cérebros estão inativos segundo registros do eletroencefalograma (VAN LOMMEL ET AL., 2001; PARNIA & FENWICK, 2002). Conquanto tais pesquisas sejam muito úteis à flexibilização dos pontos de vista dentro da ciência acadêmica, na perspectiva do paradigma consciencial o conceito de holomemória abarca e transcende a hipótese das memórias extracerebrais.

O presente artigo visa a propor hipóteses sobre os constituintes da holomemória e as correlações desta com a memória cerebral, bem como sugerir uma categoria taxológica adicional para o fenômeno da retrocognição, de interesse para a parapedagogia. A metodologia empregada foi a revisão da literatura especializada no tema da memória cerebral bem como da literatura conscienciológica referente à holomemória e o emprego de raciocínios hipotéticos na correlação de ambos, apoiados por limitadas evidências empíricas descritas ao longo do texto.

A título de demonstração do poder explicativo da teoria da holomemória, a mesma será utilizada em uma análise da interprisão grupocármica. A primeira parte do artigo será dedicada a uma revisão de conceitos da neurociência da memória, pois os mesmos servem de ponto de partida para algumas das hipóteses sobre holomemória, bem como para a tentativa de traçar as correlações citadas.

## I. NEUROCIÊNCIA DA MEMÓRIA

Objetivando a fundamentação de certas correlações que serão feitas ao longo deste trabalho, é conveniente revisar alguns resultados obtidos pela neurociência da memória nas últimas décadas.

Os anos 90 foram denominados “década do cérebro”, devido aos esforços da comunidade científica internacional no sentido de intensificar as pesquisas em diversos campos da neurociência, objetivando uma melhor compreensão do cérebro desde o nível bioquímico até o comportamental. Alguns pesquisadores avaliam que os conhecimentos obtidos nesta década foram maiores do que em toda a história anterior da neurociência e da psicologia (DAMÁSIO, S. D.), ao passo que outros apontam a necessidade de encarar as enormes lacunas que ainda subsistem e desafiam as tentativas de compreensão da mente humana a partir da neurociência (STIX, 2004).

### A. TAXOLOGIA DA MEMÓRIA

Quanto à natureza das memórias, a classificação amplamente aceita (STERNBERG, 2000) aponta 2 tipos:

1. **Declarativa.** Também denominada verbal ou explícita, diz respeito ao registro de informações que podem ser recordadas conscientemente e relatadas através da linguagem, como acontecimentos, conceitos, imagens visuais, auditivas, tácteis, olfativas e gustativas. Duas importantes subdivisões da memória declarativa são a autobiográfica e a semântica. A primeira corresponde aos eventos vivenciados pelo indivíduo, e a segunda ao acervo de significados (conceitos) e seus signos linguísticos correspondentes (léxico, dicionário cerebral).

2. **Não-declarativa.** Por vezes chamada não-verbal ou implícita, refere-se às modificações no processamento cognitivo e/ou comportamento estáveis após aprendizado, mas que não podem ser descritas pela linguagem, e geralmente não se tornam conscientes. Exemplos de tais memórias são os processos de condicionamento, habituação, sensibilização, *priming* e todos os aprendizados de tarefas motoras.

A memória emocional é um caso particular que vem sendo estudado com interesse pelas suas implicações em quadros clínicos, tais como o transtorno de ansiedade, síndrome do pânico e transtorno de estresse pós-traumático. A estrutura cerebral que desempenha papel central na memória emocional denomina-se amígdala, localizada bilateralmente no córtex temporal (IZQUIERDO, 2003; LEDOUX, S.D.). Tal memória possui mecanismos próprios de processamento e armazenamento, estando relacionada tanto à memória declarativa quanto à não-declarativa. Por exemplo, uma pessoa que se envolveu num acidente de carro pode evocar conscientemente as cenas do episódio (memória declarativa), e a partir desta evocação tentar descrever o que sentiu, sem que isto seja exatamente a memória emocional. Contudo, ao fazer a evocação, pode sentir um estado emocional semelhante ao vivenciado no acidente, aí sim com a ativação da memória emocional. E, além disso, ao ouvir um som de freada de pneus semelhante ao que ouviu no acidente, pode de imediato sentir as mesmas emoções de medo numa proporção próxima ou igual à da experiência traumática, inclusive com as reações fisiológicas de taquicardia, aumento da pressão arterial e contração geral da musculatura, demonstrando a evocação não-consciente da memória emocional (LEDOUX, S. D.).

No que se refere à estabilidade temporal das memórias, a classificação também é binária:

1. **Memória de longa duração.** É aquela cuja fixação está consolidada, segundo a teoria atual, através de alterações funcionais e estruturais em redes sinápticas, nas quais as conexões interneuronais específicas dos traços de memória estão reforçadas de modo estável.

2. **Memória de curta duração.** Diz respeito ao registro de poucos itens de informação que estão sendo acessados pela percepção no momento, ou com os quais o indivíduo está realizando alguma operação cognitiva (memória de trabalho). Pode ou não se tornar uma memória de longa duração, a depender da repetição, da significação e do nível mais aprofundado de processamento que o indivíduo dedica à informação.

Aqui cabe uma menção à importância das pesquisas sobre a memória de trabalho, devido ao seu papel central no fluxo de consciência. A memória de trabalho integra os dados dos estímulos imediatos que interessam à consciência com informações da memória de longa duração requisitadas para o processamento cognitivo em andamento, possibilitando atividades como o raciocínio e o planejamento (STERNBERG, 2000; LAVOIE; & COBIA, 2007). Uma área cerebral que desempenha papel central na memória de trabalho e em outras funções mentais superiores é o *córtex pré-frontal* (VICENTE-JÓDAR, 2004). Esta região cerebral deverá merecer estudos mais aprofundados na medida em que for possível abordar experimentalmente a relação cérebro-paracérebro-mentalsoma, pois boa parte dos atributos denominados mentaisomáticos parece requerer a integridade do córtex pré-frontal para serem manifestados na intrafísica (NEYLAN, 1999; STUSS ET AL., 2001).

### **B. LOCALIZAÇÃO CEREBRAL DAS MEMÓRIAS**

Na primeira metade do Séc. XX, duas teorias competiam para explicar como o cérebro armazena as memórias. Uma foi denominada de *ação das massas*, defendida pelo psicólogo americano Karl Lashley (1890-1958), e propunha que as memórias eram armazenadas difusamente pela massa cerebral, sendo a perda de memória relacionada diretamente com a quantidade de tecido neuronal lesado e não com sua localização (LASHLEY, 2009). Em oposição, havia o *localizacionismo*, que postulava a especialização funcional das regiões cerebrais, inclusive a função memória. Esta última teoria era apoiada pela observação, em seres humanos, das consequências de lesões cerebrais circunscritas (causadas por tumores, acidente vascular cerebral, neurocirurgia ou traumatismos), a exemplo das afasias de expressão (ou de Broca) e de compreensão (ou de Wernicke). Além destas observações, a técnica de estimulação do tecido cerebral de seres humanos lúcidos durante uma neurocirurgia, amplamente empregada pelo neurocirurgião canadense (naturalizado estadunidense) Wilder Penfield (1891–1976), trouxe mais evidências a favor do localizacionismo.

O desenvolvimento de técnicas de imageamento da atividade neuronal em tempo real, como a tomografia por emissão de pósitrons (PET, sigla inglesa) e a ressonância nuclear magnética funcional (fRNM, sigla inglesa), permitiram avaliar as áreas encefálicas ativas durante o desempenho de tarefas cognitivas e motoras, consolidando o localizacionismo e a especialização cerebral como a posição aceita na atualidade. Contudo, longe de ser uma relação simples entre região cerebral – função, ocorre uma complexa interação de diversas áreas do encéfalo, cada qual contribuindo com um aspecto especializado, e desta ação interativa e coordenada emergem as funções motoras, sensoriais e cognitivas em geral.

Em resposta à tradicional e intrigante pergunta - “mas afinal, onde estão armazenadas as memórias no cérebro?” – a teoria mais corroborada atualmente é de que as memórias de longa duração ficam armazenadas nas mesmas regiões corticais onde as informações destas memórias primariamente foram processadas. Um exemplo elucidará este ponto (extraído de KANDEL; & SQUIRE, 2003). As pessoas costumam apreender o que é um pequeno utensílio (caneta, alicate, escova) através da compreensão de sua função e do manuseio direto. Tais aspectos, compreensão da função e interação manual, são processados nos córtices frontal e parietal. Certas lesões nestes córtices fazem com que o paciente deixe de reconhecer estes pequenos utensílios, com os quais tinha grande familiaridade. Observe-se que ele não perde apenas a habilidade manual (memória não-declarativa), mas também a capacidade de reconhecer o objeto, de nomeá-lo, de apontar que já o viu anteriormente (memória declarativa). Já se tratando de grandes objetos e seres vivos (edifício, nuvem, elefante), o aprendizado se dá comumente pela visão, e as características formais e outras qualidades de uma imagem são processadas numa região bem específica do lobo temporal. Pois bem, lesões circunscritas a esta região produzem a perda no reconhecimento destes grandes objetos, sem prejudicar o reconhecimento dos pequenos utensílios citados anteriormente. Isto corrobora a concepção de que os traços de memória se consolidam nas regiões corticais responsáveis pelo processamento inicial da modalidade de informação em questão.

Antes que uma informação passe a ser uma memória declarativa de longa duração, ela deve ser processada numa área cerebral crucial: o *córtex temporal medial* (hipocampo e córtices entorrinal, perirrinal e para-hipocampal). Retomando o exemplo anterior, para que os objetos citados (sejam os pequenos, grandes ou seres vivos) tornem-se memórias declarativas (saber reconhecê-los e nomeá-los) o lobo temporal medial coordena o reforço das conexões interneuronais nas regiões cerebrais que sediarão estas memórias. O mesmo parece ocorrer para quaisquer itens da memória declarativa, haja vista que lesões bilaterais no córtex temporal medial causam um grave prejuízo: a incapacidade de produzir novas memórias declarativas

de longa duração. A primeira descrição deste quadro foi o célebre artigo sobre o paciente H. M. (SCOVILLE; & MILNER, 1957), cujo caso foi acompanhado pela psicóloga Brenda Milner por 40 anos. H. M. foi submetido à remoção cirúrgica dos lobos temporais mediais em 1953 pelo neurocirurgião William Scoville, como último recurso na tentativa de cura de uma epilepsia grave e incapacitante. Conquanto efetivo para a epilepsia, a ablação dos córtices temporais mediais resultou num efeito inesperado: a incapacidade, por parte de H. M., de converter informações da memória de curto prazo para a de longo prazo, desde o dia em que foi operado. Assim, H. M. podia manter uma conversação relativamente normal com alguém e, menos de uma hora depois, era incapaz de reconhecer a pessoa.

Um fato bastante notável descoberto pelos estudos de H. M. foi o de que este paciente era capaz de desenvolver novas memórias não-declarativas, como a habilidade de desenhar com mais eficiência uma figura geométrica a partir de um treino diário, ainda que ele não se recordasse de modo algum que havia feito o treino. Este achado trouxe evidências para considerar que o sistema de memória não-declarativa (ou implícita, não-verbal, de habilidades) é processado em áreas do encéfalo distintas das envolvidas nas memórias declarativas. Atualmente consideram-se estruturas como a amígdala, o estriado, o cerebelo e a própria medula espinhal como envolvidas em vários tipos de memórias não-verbais (KANDEL; & SQUIRE, 2003, p. 28).

### ***C. MECANISMOS MOLECULARES DA MEMÓRIA ORGÂNICA***

Outro instigante questionamento suscitado pelo fenômeno memória é sobre o mecanismo de armazenagem de uma informação, ou seja, a base física de como uma informação permanece no tecido cerebral e pode ser evocada. Alguns neurocientistas e vários filósofos da mente apontam (ou admitem, no caso dos primeiros) haver ainda lacunas desafiadoras no modelo explicativo que busca derivar os fenômenos mentais da neurofisiologia (SEARLE, 1998, p. 55). Não obstante, existem dados muito consistentes acerca das modificações estruturais e funcionais do tecido neural, em nível celular e molecular, associadas à aquisição de memórias, sejam de curta ou longa duração.

A admissão da teoria da holomemória e da teoria do paracérebro leva à conclusão de os achados neurofisiológicos dizerem respeito a apenas uma das estruturas (o cérebro) envolvidas num atributo consciencial bem mais amplo. Mas a atitude de menosprezar estes resultados por estarem atualmente inseridos num modelo reducionista é de grande obscurantismo, uma vez que os mesmos indicam fatos muito bem documentados, à espera de uma teoria mais ampla que integre, a partir de novos achados, os aspectos intra e extrafísicos do objeto de estudo.

Um dos processos neurofisiológicos implicados na aquisição da memória é a chamada potenciação de longa duração (LTP, sigla inglesa). Consiste na propriedade de determinados circuitos de neurônios de continuarem disparando potenciais elétricos após uma rápida sequência de estímulos deflagradores ter cessado. Esta propriedade é conferida por receptores especiais na fenda sináptica, e por uma série de reações enzimáticas que, quando acionadas, levam a uma reverberação da transmissão neuronal mesmo após ter cessado o estímulo inicial. Este processo pode se manter por até algumas horas a partir de um único estímulo deflagrador, e não requer alterações estruturais nas redes neuronais, valendo-se apenas da atividade de moléculas existentes ou rapidamente produzidas. Embora a LTP tenha sido considerada de importância central na formação de memória de curta duração, evidências mais recentes demonstram não ser este o único processo, havendo inclusive formação de memórias que prescindem da LTP (IZQUIERDO, 2003, p. 101-102).

Frente a estímulos repetidos, uma outra classe de alterações moleculares, de caráter mais duradouro, inicia-se: *a regulação da expressão gênica*. A repetição dos estímulos leva a ativação de mensageiros

bioquímicos que chegam ao núcleo da célula e modulam a expressão dos genes, levando à produção de novas proteínas que irão alterar a estrutura celular. Tais alterações vão desde o aumento da quantidade de neurotransmissores e receptores produzidos numa sinapse já existente, até o surgimento de novas sinapses, processo denominado *plasticidade neuronal*. Produz-se, assim, uma alteração mais duradoura, correlacionada com as informações armazenadas. Algumas mutações que afetam o mecanismo enzimático de ativação gênica envolvido na plasticidade neuronal resultam em graves déficits cognitivos, corroborando o modelo acima descrito (LOMBROSO, 2004).

O conjunto de alterações morfofuncionais no tecido neuronal correspondentes a uma informação armazenada na memória é chamado de traço de memória ou *engrama* (KANDEL; & SQUIRE, 2003). Convém explicitar que o engrama de um dado da memória declarativa (p. ex. um conceito) não está num único neurônio, tampouco num pequeno número deles, mas distribuído em redes neuronais, muitas vezes em diferentes áreas do encéfalo.

## II. PROPOSTAS PARA A TEORIA DA HOLOMEMÓRIA

Na obra *Projeções da Consciência*, encontra-se um relato de rememoração de existência pregressa durante uma projeção consciente, explicado pelo autor como uma alteração do foco da consciência para o mentalsoma, com *passagem da memória humana para a memória integral* (VIEIRA, 1999b, p. 148). Este relato ilustra o fenômeno de aporte de memórias coerentes, detalhadas e algumas vezes objetivamente comprovadas, relativas a fatos prévios ao nascimento do indivíduo que as relata. A teoria de maior poder explicativo para o conjunto destes dados é a da holomemória, ou memória integral: o conjunto de todas as informações do passado multiexistencial de uma consciência, ou seja, o registro indelével das experiências intra e extrafísicas pregressas, armazenado em estruturas extracerebrais, provavelmente no paracérebro do psicossoma e no mentalsoma, através de mecanismos ainda muito pouco compreendidos no presente (VIEIRA, 1999a, p. 155; ALEGRETTI, 1998, p. 48).

Partindo da hipótese de que a memória cerebral constitui banco de dados mais restrito que tende a transferir suas informações para a holomemória, propõem-se os seguintes constituintes para esta memória integral da consciência:

1. **Memória holobiográfica:** registro dos eventos vivenciados pela consciência em toda sua trajetória existencial, englobando a série de memórias autobiográficas das retrovidas e as experiências extrafísicas (intermissões e projeções da consciência).

2. **Paraléxico:** conjunto de todos os significados (conceituações, abstrações, definições) provenientes das diversas línguas utilizadas nas retrovidas, abstraídas para um único acervo de conteúdos que independem da forma. Tais conteúdos, supostamente, atuam como matrizes para o entendimento, ou seja, embasam a apreensão de novos conceitos pelo intelecto. É razoável supor que, no conscienciês, ocorra transferência direta de conteúdos do paraléxico.

3. **Memória procedural holossomática:** habilidades e condicionamentos (funcionais e disfuncionais) atuantes nos veículos de manifestação da consciência, tais como a concentração e a atenção dividida (mentalsoma), a volitação, alongação e transfiguração extrafísica (psicossoma), a flexibilidade energética (energossoma) e a psicomotricidade geral (soma, inteligência corporal). Ainda que estes dois últimos veículos (soma e energossoma) sejam descartados com frequência, supõe-se que as habilidades fiquem arquivadas no paracérebro e mentalsoma, predispondo à recuperação dos desempenhos em veículos novos, obviamente em conjunção com outras variáveis (genética, mesologia, investimento pessoal). Boa parte das habilidades parapsíquicas parece se encaixar nesta categoria.

Esta proposta descritiva-conjectural dos constituintes da holomemória não tem pretensão de produto final, mas mostrará sua validade somente frente aos dados experimentais. Convém acrescentar que não se pode abranger toda a realidade consciencial com o conceito de holomemória, pois existem outros atributos conscienciais bem distintos, que utilizam os dados holomnemônicos em suas operações (raciocínio lógico, juízo crítico, análise-síntese, ponderação, autodiscernimento, teorização, imaginação, entre outros).

O pesquisador Wagner Alegretti propõe uma distinção entre a memória extrafísica, sediada no psicossoma (incluindo a memória paracerebral e a paragenética) e a holomemória, sediada no mentalsoma, constituindo esta última o banco de dados mais abrangente da consciência (ALEGRETTI, 1998, p. 47-48). No presente estágio das pesquisas, não parece ainda haver método exato para diferenciar um registro sediado no paracérebro de um registro sediado no mentalsoma, exceto na ainda rara ocorrência da projeção de mentalsoma. Portanto, os três itens propostos acima como constituintes da holomemória serão atribuídos tanto ao paracérebro quanto ao mentalsoma, até que se possa discriminar sua sede a partir de experimentações e consensos futuros. Contudo, parece-nos muito válida a diferenciação feita por Alegretti em sua definição de paragenética:

Uma das formas de manifestação do holopense individual é a informação manifestada na própria constituição do psicossoma, como resultado do somatório das influências recebidas dos incontáveis somas anteriores com suas respectivas genéticas (retrogenética), bem como das vivências extrafísicas e, às vezes, de traumas afetivo-emocionais, intra ou extrafísicos (OP. CIT., p. 48).

A paragenética, portanto, influencia a formação de novas somas, juntamente com a genética dos gametas e as condições externas gerais (mesologia, holopense). A parafisiologia do psicossoma, na função de modelo organizador biológico para novas somas, faz da paragenética um fator sempre explícito, constitutivo, vivo e atuante em cada ressonância, não dependendo de evocações ou recuperação consciente / inconsciente de informações, sendo abordado de modo distinto da holomemória. Pode persistir dúvida acerca da diferenciação entre paragenética e memória procedural holossomática. Propõe-se que a paragenética, conforme já exposto, assenta-se na constituição e parafisiologia do psicossoma, que embora modificável pelas experiências, uma vez constituída atuará automaticamente na formação do soma e na expressão de certos padrões de manifestação, até que novas modificações ocorram. Já a memória procedural holossomática fundamenta-se nos atributos da consciência atuando sobre os veículos para gerar determinados desempenhos, os quais são otimizados com a prática, resultando em aprendizado (habilidades, condicionamentos).

### III. CORRELAÇÕES MEMÓRIA / HOLOMEMÓRIA

A proposta dos 3 constituintes da holomemória delineada acima (memória holobiográfica, paraléxico e memória procedural holossomática) guarda relação direta com as subdivisões da memória cerebral: autobiográfica, semântica (ambas declarativas) e implícita (não-declarativa). Com base nisto, pode-se objetar que o trabalho feito aqui foi somente transplantar os conceitos oriundos da neurociência da memória à holomemória. Não se tentará contornar esta objeção, pelo contrário, ela será, em parte, assumida. Os conceitos atuais sobre memória foram sim utilizados no presente estudo como base de entendimento da holomemória. Se as analogias e aproximações hipotéticas aqui utilizadas ao menos estimularem algum avanço na compreensão da holomemória, seja na forma de refutação total do exposto e proposta alternativa, seja na apresentação de resultados experimentais corroborando ou falseando algum ponto, terão cumprido seu fim.

Feita a ressalva acima, seja então explicitada a relação entre as subdivisões da memória e da holomemória, num cotejo direto entre as colunas da tabela 1:

**Tabela 1.** Relações conjecturais entre memória cerebral e holomemória.

<b>Memória cerebral</b>	<b>Holomemória</b>
<i>Memória autobiográfica:</i> eventos vivenciados durante a vida em questão.	<i>Memória holobiográfica:</i> eventos da vida atual, das retrovidas e das vivências extrafísicas (projeções da consciência e intermissões).
<i>Memória semântica:</i> dicionário cerebral, signos linguísticos (incluindo os conceitos e as correspondentes imagens auditivas e/ou visuais).	<i>Paraléxico:</i> totalidade dos significados apreendidos pela consciência, em toda sua holobiografia.
<i>Memória implícita</i> (habilidades, condicionamentos, habituação, sensibilização, priming).	<i>Memória procedural holossomática:</i> habilidades e condicionamentos no manejo dos veículos de manifestação da consciência.

Ao realizar este cotejo, propõe-se que as informações da memória cerebral constituem instância parcial e temporária destinada a tornar-se parte da holomemória. Ou seja, os eventos da memória autobiográfica alimentam a memória holobiográfica, os itens da memória semântica fazem o mesmo com o paraléxico, e processo análogo se dá entre a memória implícita e a procedural holossomática. Contudo, a holomemória não constitui repositório apenas passivo, mas também interfere na qualidade da formação das memórias cerebrais. Seguem 3 argumentos em apoio a esta afirmação:

1. Certos eventos da vida atual são gravados com mais intensidade pela similaridade com eventos de retrovidas, como na forte impressão causada pelo déjàismo, mostrando a atuação da holobiografia na formação da memória autobiográfica.

2. Alguns conceitos são apreendidos com facilidade e profundidade surpreendentes quando vistos pela primeira vez na existência atual, chegando ao ponto do indivíduo evocar espontaneamente informações complementares a respeito dos mesmos, posteriormente comprovadas com a continuação dos estudos. Tal ocorrência evidencia a atuação do paraléxico na aquisição da memória semântica em cada vida. Um caso especial são as ideias inatas, as quais podem emergir desde o início do desenvolvimento cognitivo, na infância.

3. Vários tipos de genialidade manifesta desde a infância, tais como a parapsíquica, a musical e a corporal, podem ser explicadas pela atuação da memória procedural holossomática predispondo a tais desempenhos, em conjunto com a paragenética.

Inferese, portanto, um fluxo bidirecional de informações entre a memória cerebral e a holomemória. Num sentido a informação transita das estruturas orgânicas para o banco de dados mais duradouro, a holomemória. Noutra sentido, informações da memória integral podem afluir à consciência no estado de vigília física ordinária. Postula-se que uma memória cerebral rica facilita o afluxo de tais informações da holomemória, como observado nas retrocognições conceituais que serão citadas adiante.

Ainda no campo das correlações entre memória e holomemória, sobressai-se o fenômeno da *visão panorâmica* como evidência de um estado de superatividade da memória evocativa (VIEIRA, 1999a, p. 154-156) que suscita outras hipóteses. O fenômeno consiste na visão retrospectiva e minuciosa, com extrema clareza e vivacidade, de toda a existência numa diminuta fração de tempo, em geral durante uma projeção consciente, ou mesmo após a morte biológica, segundo relatos psicofônicos ou psicográficos de consciexes (OP. CIT.). Seria a visão panorâmica ocorrida ainda em vida o efeito de uma transferência

maciça de dados da memória autobiográfica neuronal para a memória holobiográfica integral? Ou seria já a atuação da própria holomemória, provocando afluxo das informações minuciosas num automatismo evolutivamente vantajoso, no sentido de preparar o *exame de consciência* da pré-consciência?

Não é desejável incorrer no simplismo de enxertar o prefixo “para” a certos conceitos intrafísicos, e com isso pretender explicar a extrafísicalidade. Mas partindo da hipótese de que deve haver alguma característica qualitativa no paracérebro e mentalsoma correspondente à fixação das informações da holomemória, faz sentido utilizar o termo *paraengrama* ao se referir a esta conjectura, até que surja outro melhor ou mais preciso. Entretanto, não se segue de modo algum que haja a correspondência superficial de um paraengrama para cada engrama da memória física. O desconhecimento neste campo é a um tempo gigantesco e instigante.

#### IV. CONTRIBUIÇÃO À TAXOLOGIA DAS RETROCOGNIÇÕES

Tomando por base os constituintes da holomemória aqui propostos, cabe sugerir uma categoria taxológica para as retrocognições, complementar às já apresentadas (ALEGRETTI, 1998, p. 99-104). Trata-se de diferenciar se o afluxo holomnemônico diz respeito a um evento, ou seja, se é proveniente da memória holobiográfica, ou se é um significado já apreendido emergindo do paraléxico. Ao primeiro caso propõe-se a designação *retrocognição holobiográfica*, e ao segundo, *retrocognição conceitual*.

Habitualmente o termo retrocognição é associado apenas ao primeiro tipo, no qual há recordação de fatos vivenciados em existências pretéritas pelo sujeito do fenômeno. Entretanto, a retrocognição conceitual pode ser mais frequente do que se supõe. Observe-se a definição a seguir de uma importante proposta conscienciológica:

O *agente retrocognitor*, homem ou mulher, é a conscin educadora capaz de reavivar sem hipnose, com auto e heterocríticas, a holomemória dos mentaissomas dos educandos egressos de *Cursos Intermissoivos*, pré-ressomáticos, fazendo aflorar, no presente, a *Ciência Pré-curricular*, idéias inatas geradas no período da intermissão e mantidas contra o restringimento biológico e genético da ressoma, pela Paragenética, por intermédio das informações libertárias oferecidas pelos atos, condutas, comportamentos e posturas pessoais exemplificativas (VIEIRA, 2008).

Depreende-se da definição acima que a retrocognição em questão, catalisada pelo agente retrocognitor, seja do tipo conceitual, e de fato é o que se observa com mais frequência na prática docente conscienciológica. Obviamente não se exclui a ocorrência de retrocognições holobiográficas, inclusive do período intermissivo, estimuladas pelo agente retrocognitor. Mas, dada a maior prevalência das retrocognições conceituais no âmbito da docência conscienciológica, ressalta-se a importância de mais pesquisas deste tema por parte da parapedagogia. Tais investigações devem, inclusive, elucidar as variáveis didáticas e paradidáticas que otimizam o reavivamento holomnemônico sadio:

(...) toda uma elucidação formalmente impecável da algum ponto da Conscienciologia pode entrar por um ouvido e sair pelo outro, não assimilada pelo ouvinte-impermeável, num primeiro momento. E, no momento seguinte, um pequeno detalhe de manifestação do docente chama a atenção do aluno, evoca uma *retrocognição intermissiva intuitiva ou inconsciente*, e o aluno antes impermeável torna-se receptivo e ávido por mais informações (BAZZI, 2005, p. 163).

Além da abordagem parapedagógica e didática, também no aspecto *autodidático* a retrocognição conceitual merece maiores estudos a fim de se tirar proveito desta ocorrência. O aprofundamento da leitura

de obras clássicas do pensamento humano, por exemplo, fornece verdadeiro manancial de retrocognições conceituais que pode ser aproveitado na atualização holomnemônica da erudição pessoal (BRITO, 2009).

## V. HOLOMEMÓRIA E INTERPRISÕES GRUPOCÁRMICAS

As interprisões grupocármicas podem ser abordadas sob a ótica da holomnemônica, por exemplo, na análise dos registros disfuncionais da holomemória, mantenedores das cobranças e ressentimentos mútuos entre as consciências implicadas. Uma vivência grupal envolvendo alta carga de conflitos interconscienciais, muitas vezes de graves consequências existenciais, vinca profundamente a holomemória dos participantes. Como hipótese, propõe-se que as evocações holomnemônicas, conscientes ou inconscientes dos eventos críticos do passado, alimentam os liames pensênicos que enleiam as consciências interprisoneiras. Um quadro do processo é obtido pelo estudo de casos de dramas multiexistenciais, narrados pelas consciências partícipes ou expectadoras dos desenlaces grupocármicos através de vidas sucessivas (XAVIER & VIEIRA, 1999; VIEIRA, 2007; FRANCO, 1996).

Muitas vezes as consciências enredadas em interprisões grupocármicas sofrem as consequências de modo inconsciente, sem acesso aos detalhes dos fatos pretéritos, e não raramente agravam os laços doentios a partir da automimese dos comportamentos que geraram a interprisão. Já as consciências, dispostas de certo grau de acesso às recordações por estarem operando diretamente com o paracérebro, podem extravasar sua conflituosidade para com aqueles de quem se julgam credores, atuando como assediadores extrafísicos. Tais papéis costumam se inverter ao longo da série de ressonâncias e dessonâncias, de modo que o assediado passa a assediador ao retornar à dimensão extrafísica, e vice-versa.

As conjunturas altamente nosográficas descritas recebem a intercessão dos amparadores extrafísicos e evolucionólogos, no planejamento de cenários que favoreçam a reeducação dos envolvidos e o deslindamento das interprisões (proexis específicas, parapsicodramas, acareações extrafísicas, acertos grupocármicos). Ao longo dos estágios grupocármicos de interprisão, vitimização, recomposição, libertação e policarmalidade (VIEIRA, 1994, p. 626), ocorre a revisão e reconfiguração dos paraengramas doentios, traumáticos e distorcidos das consciências, originados das experiências conflituosas de bases anticosmoéticas. Especial menção merece a fase de recomposição, na qual a consciência já adquiriu um mínimo de maturidade multidimensional que lhe permite atuar em favor da reeducação dos membros de seu grupo.

Em todo o processo descrito, a holomemória das consciências desempenha papel central, pois é o repositório do conjunto de experiências que definem os vínculos com outros indivíduos e fatos do passado, bem como o nível de maturidade alcançado. Supõe-se que uma parte da evolução consiste em atualizar registros holomnemônicos disfuncionais, obtidos com baixa lucidez em situações traumáticas, conflituosas e/ou anticosmoéticas, avançando para um patamar paracognitivo da maior sanidade. O princípio do exemplarismo pessoal parece exercer um efeito catalítico contundente nesta atualização holomnemônica, na medida em que a qualificação de manifestação de um membro do grupo multimilenar provoca reflexões e revisões íntimas sobre outros. Ainda que o conhecimento atual da parafisiologia detalhada dos registros holomnemônicos (paraengramas) seja pobre, já se podem extrair princípios para ações pró-evolutivas calcadas no pragmatismo cosmoético. Dentre eles, o princípio da interassistencialidade com predominância da tarefa é altamente rentável em termos de reconfigurações sadias dos paraengramas, tanto de quem o pratica quanto dos interlocutores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria da holomemória possui um amplo poder explicativo sobre uma série de fenômenos multidimensionais, conforme ilustrado na discussão sobre a retrocognição e sobre a condição patológica da interprisão grupocármica. Em face disto, constitui campo prioritário de pesquisas. O presente trabalho buscou traçar correlações especulativas acerca dos constituintes da holomemória, porém é notória a necessidade de uma base empírica para corroborar ou refutar as teses aqui defendidas.

No que tange às categorias de retrocognição apresentadas – holobiográfica e conceitual – a intenção foi de aclarar um detalhe do fenômeno retrocognitivo, a saber, o tipo de informação recuperada. No caso da retrocognição holobiográfica, a rememoração é de fatos ou episódios. Já na retrocognição conceitual, recuperam-se principalmente ideias. Obviamente existe um espectro de sobreposição destes tipos, como é comum ocorrer nos fenômenos parapsíquicos. Esta distinção pode ser útil no entendimento do fenômeno em contextos parapedagógicos, nos quais as retrocognições conceituais parecem ser bastante frequentes.

## REFERÊNCIAS

01. ALEGRETTI, Wagner. **Retrocognições**: lembranças de vivências passadas. Rio de Janeiro: IIPC, 1998, p. 35-51 e 99-104.
02. BAZZI, Munir. Aspectos práticos do esclarecimento interconsciencial. **Journal of Conscientiology**, 2005, May, v. 7 (28 S), p. 161-70.
03. BRITO, Ernani. Apresentação do Programa de Aceleração da Erudição – PAE. **Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Consciencial – Reaprendentia**. 2009. Disponível em: <[http://www.reaprendentia.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=23&Itemid=57](http://www.reaprendentia.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=57)>. Acesso em: 15 maio 2009.
04. CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 265-68.
05. DAMÁSIO, Antonio R. Como o cérebro cria a mente. **Edição Especial Scientific American Brasil – Segredos da Mente**, S. D., n. 4, p. 6-11.
06. FRANCO, Divaldo P. **Trilhas da Libertação**. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
07. IZQUIERDO, Ivan et. al. Mecanismos da Memória. **Scientific American Brasil**, outubro 2003, n. 17, p. 99-104.
08. KANDEL, Eric R.; SQUIRE, Larry R. **Memória**: da mente às moléculas. Artmed: Porto Alegre, 2003, p. 13-35, 81-171.
09. LASHLEY, Karl. In: **Encyclopædia Britannica**. 2009. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/330978/Karl-S-Lashley>>. Acesso em: 13 maio 2009.
10. LAVOIE, Donna J.; COBIA, Derin J. Recollecting, Recognizing, and other acts of remembering: an overview of human memory. **Journal of Neurologic Physical Therapy**, v. 31, September 2007, p. 135-43.
11. LEDOUX, Josef E. Emoção, Memória e o Cérebro. **Edição Especial Scientific American Brasil – Segredos da Mente**, S. D., n. 4, p. 66-75.
12. LOMBROSO, Paul. Aprendizado e memória. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2004; 26(3), p. 207-10.
13. NEYLAN, Thomas C. Frontal lobe function: Mr. Phineas Gage's famous injury. **Journal of Psychiatry and Clinical Neurosciences**, 1999, v. 11 (2), p. 280-83.
14. PARNIA, Sam; FENWICK, Peter. Near death experiences in cardiac arrest: visions of a dying brain or visions of a new science of consciousness. **Resuscitation**, 2002, Jan, v. 52 (1), p. 5-11.
15. PLATÃO. **Fédon**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 140-43.
16. ROGO, D. Scott. **A Vida Depois da Morte**: a questão da sobrevivência à morte corpórea. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987, p. 140-43.
17. SCOVILLE, William B.; MILNER, Brenda. Loss of recent memory after bilateral hippocampal lesions. **Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry**, 1957, v. 20, p. 11-21.
18. SEARLE, John R. **O Mistério da Consciência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 55.

- 
19. STERNBERG, Robert J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 204-18.
  20. STEVENSON, Ian. The explanatory value of the idea of reincarnation. **Journal of Nervous and Mental Disease**, 1977, v. 164 (5), p. 305-326.
  21. STIX, Gary. O refinamento da lapidação cerebral. **Scientific American Brasil**, outubro 2003, n. 17, p. 38-9.
  22. STUSS, Donald T.; GALLUP JR., Gordon G.; ALEXANDER, Michel P. The frontal lobes are necessary for “theory of mind”. **Brain**, 2001, v. 124, p. 279-86.
  23. VAN LOMMEL, P. et al. Near-death experience in survivors of cardiac arrest: a prospective study in Netherlands. **Lancet**, 2001 Dec 15, v. 358 (9298), p. 2039-45.
  24. VICENTE-JÓDAR, M. Funciones cognitivas del lóbulo frontal. **Revista de Neurología**, 2004, 39 (2), p. 178-82.
  25. VIEIRA, Waldo. Agente Retrocognitor. In: **Enciclopédia da Conscienciologia**. 4. ed. Digital. Foz do Iguaçu: Editares, 2008.
  26. \_\_\_\_\_. **Cristo Espera Por Ti**: edição crítica e comentada por Osmar Ramos Filho. Foz do Iguaçu: Editares, 2007.
  27. \_\_\_\_\_. **Projeciologia**: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. 4. ed. Rio de Janeiro: IIPC, 1999a, p. 35, 154-56, 751, 754 e 982.
  28. \_\_\_\_\_. **Projeções da Consciência**: diário de experiências fora do corpo físico. 5. ed. Rio de Janeiro: IIPC, 1999b.
  29. \_\_\_\_\_. **700 Experimentos da Conscienciologia**. Rio de Janeiro: IIPC, 1994, p. 626.
  30. XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. **Sexo e Destino**. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

